



## CONFLITOS INTERNACIONAIS: TENDÊNCIAS, PERSPECTIVAS E VIOLÊNCIA NO SÉCULO XXI

### O moderno exército iraquiano: um estudo de caso entre 1979 e 2003

*The Modern Iraqi Army: a case study from 1979 to 2003*

**Fabrizio Schiavo Avila<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-00007-5807-5632](https://orcid.org/0009-00007-5807-5632)

[fabrizio.schiavo@gmail.com](mailto:fabrizio.schiavo@gmail.com)

**Recebido em:** 01 jul. 2025.

**Aprovado em:** 24 mar. 2026.

**Publicado em:** 20 ago. 2026.

**Resumo:** O texto analisa a evolução do uso da força militar na política internacional contemporânea, com foco no exército iraquiano durante a Guerra do Golfo de 1991 e seus desdobramentos. A modernização tecnológica das forças armadas dos Estados Unidos, mediante a mobilização massiva e mecanizada do Iraque, evidencia a obsolescência relativa do modelo militar tradicional baseado em grandes contingentes. Apesar da vantagem estratégica geográfica do Iraque, como os rios Tigre e Eufrates, e sua expressiva estrutura militar, a superioridade tecnológica americana prevaleceu no conflito de 1991; além de permitir aos EUA testarem armamentos e reconfigurar alianças, serviu ao Iraque para reduzir uma população iraquiana excedente militarmente mobilizada. A análise histórica da estrutura militar iraquiana revela a influência das doutrinas soviética e britânica, evidenciando uma dualidade organizacional e dependência de múltiplos fornecedores de armamentos. O colapso econômico pós-1991 e as sanções internacionais reduziram drasticamente a capacidade operacional do Iraque, que migrou para estratégias assimétricas na guerra de 2003. O texto também contextualiza o papel do partido Ba'ath na formação do aparato militar iraquiano, sua política pan-arabista e os conflitos com regimes pró-Occidente. A análise contemporânea destaca o impacto das novas tecnologias na guerra moderna, como a digitalização dos armamentos e o fortalecimento de forças paramilitares. Embora a mecanização esteja em declínio, a conscrição permanece relevante. A guerra moderna, marcada por atrito, demanda volume humano para alcançar objetivos políticos, especialmente em Estados em desenvolvimento, cujas estruturas militares continuam a refletir dinâmicas sociopolíticas internas e mudanças no sistema internacional.

**Palavras-chave:** defesa; Iraque; partido; população; exército.

**Abstract:** This text analyzes the evolution of the use of military force in contemporary international politics, focusing on the Iraqi army during the 1991 Gulf War and its aftermath. The technological modernization of the United States armed forces, in contrast to Iraq's massive and mechanized mobilization, underscores the relative obsolescence of the traditional military model based on large contingents. Despite Iraq's strategic geographic advantages, such as the Tigris and Euphrates rivers, and its substantial military structure, American technological superiority prevailed in the 1991 conflict. In addition to allowing the U.S. to test weaponry and reconfigure alliances, the war also served Iraq by reducing its surplus, militarily mobilized population. A historical analysis of the Iraqi military structure reveals the influence of both Soviet and British doctrines, highlighting an organizational duality and dependence on multiple arms suppliers. The post-1991 economic collapse and international sanctions drastically reduced Iraq's operational capabilities, prompting a shift toward asymmetric strategies in the 2003 war. The text also contextualizes the role of the Ba'ath Party in shaping the Iraqi military apparatus, its pan-Arabist policies, and its conflicts with pro-Western regimes. The contemporary analysis emphasizes the impact of new technologies on modern warfare, such as the digitalization of weaponry and the rise of paramilitary forces. Although mechanization is in decline, conscription remains relevant. Modern warfare, marked by attrition, still requires human volume to achieve political objectives, particularly in developing states, where military structures continue to reflect internal sociopolitical dynamics and shifts in the international system.

**Keywords:** defense; Iraq; party; population; army.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

## 1 Introdução

O uso da força na Política apresenta o problema da mobilização da guerra moderna atualmente. Comparativamente, o exército do Iraque, na Guerra do Golfo de 1991, enfrentou os Estados Unidos da América e seus aliados. Os objetivos eram a defesa do Iraque e a manutenção da invasão do Kuwait com a mobilização de quase um milhão de homens no exército iraquiano. O advento do processo da modernização das forças armadas estadunidenses no ataque causou impactos profundos nas concepções da guerra para o século XXI. Principalmente, existiu o avanço dos estudos sobre a tecnologia, a conscrição militar nos Estados foi abrandada e a quantidade de reservistas diminuiu gradativamente.

O conflito de 1991 entre americanos e iraquianos suscita várias questões. Por que, mesmo com a posse pelos iraquianos dos rios Tigre e Eufrates, como insuladores de Bagdá, essa massa de iraquianos mobilizados não levou as tropas aliadas ocidentais para o atrito? Por que a defesa das tropas regulares de infantaria não foi feita pelas mecanizadas das tropas da Guarda Republicana do Iraque? Uma análise mais superficial do conflito, e que foi demonstrada à época, suscita a hipótese de que a alta tecnologia militar dos estadunidenses suplantou as forças armadas iraquianas.

A invasão do Kuwait, pelos iraquianos, foi gerada pelo Sistema Internacional depois do colapso da União Soviética do pós-Guerra Fria (Vizentini 1992). A hipótese sobre o desenrolar do conflito é dividida em duas partes, porque demonstra que foi proveitosa para ambos os beligerantes. Os Estados Unidos da América foram beneficiados pois testaram novos armamentos, descarregando estoques de munição da Guerra Fria, estabelecendo novos contratos de rearmamento, refazendo suas alianças e, de certo modo, amedrontando seus rivais China e Rússia. Ao mesmo tempo, o Iraque eliminou a parcela da população masculina na força de trabalho que não seria absorvida pela

desmobilização da guerra.

As linhas de exclusão aérea deixaram os estadunidenses livres para a manutenção de sua condição de protetores dos sauditas no Sul e de controlar o avanço curdo na Turquia. O conflito de 2003 somente colocou os Estados Unidos na vanguarda da proteção de sauditas e turcos porque o regime do Iraque não conseguia mais fazê-lo. Além disso, existiram pretensões de conflito com os iranianos, sob o mesmo pretexto das armas de destruição em massa. O Irã era um obstáculo logístico para as intervenções estadunidenses simultâneas no Iraque e no Afeganistão.

Os parâmetros de análise sobre a guerra moderna recaem sobre o estudo da estrutura do exército regular iraquiano de 1991. A organização era estimada e as informações, em período de guerra, eram escassas. A estrutura iraquiana do período de 1991 era de cinco corpos de exército<sup>2</sup>. Os corpos eram um tipo de organização que previa a distribuição regional das tropas em setores. O quantitativo de tipos de tropas foi reduzido depois de 1991 (Department of Defense 2000). Cada divisão de infantaria mecanizada era composta, no período de 1991 a 2003, por três divisões blindadas, três divisões mecanizadas e nove divisões de infantaria. Com as exceções das divisões de infantaria, que possuíam três brigadas de infantaria, as divisões mecanizadas tinham duas brigadas mecanizadas e uma blindada, e a 6ª Divisão Blindada possuía duas brigadas blindadas e uma mecanizada para reconhecimento. Ao todo, eram nove brigadas blindadas, nove brigadas mecanizadas e trinta e três brigadas de infantaria.

As considerações recaem no tipo de organização de tropas que reflete a quantidade de assessores e de armamento que o Iraque obtinha do Ocidente através de fornecedores diversificados. Os iraquianos ficaram com uma dupla organização em suas brigadas do exército. Os soviéticos ensinaram a tradição da utilização de corpos em zonas determinadas para a utilização

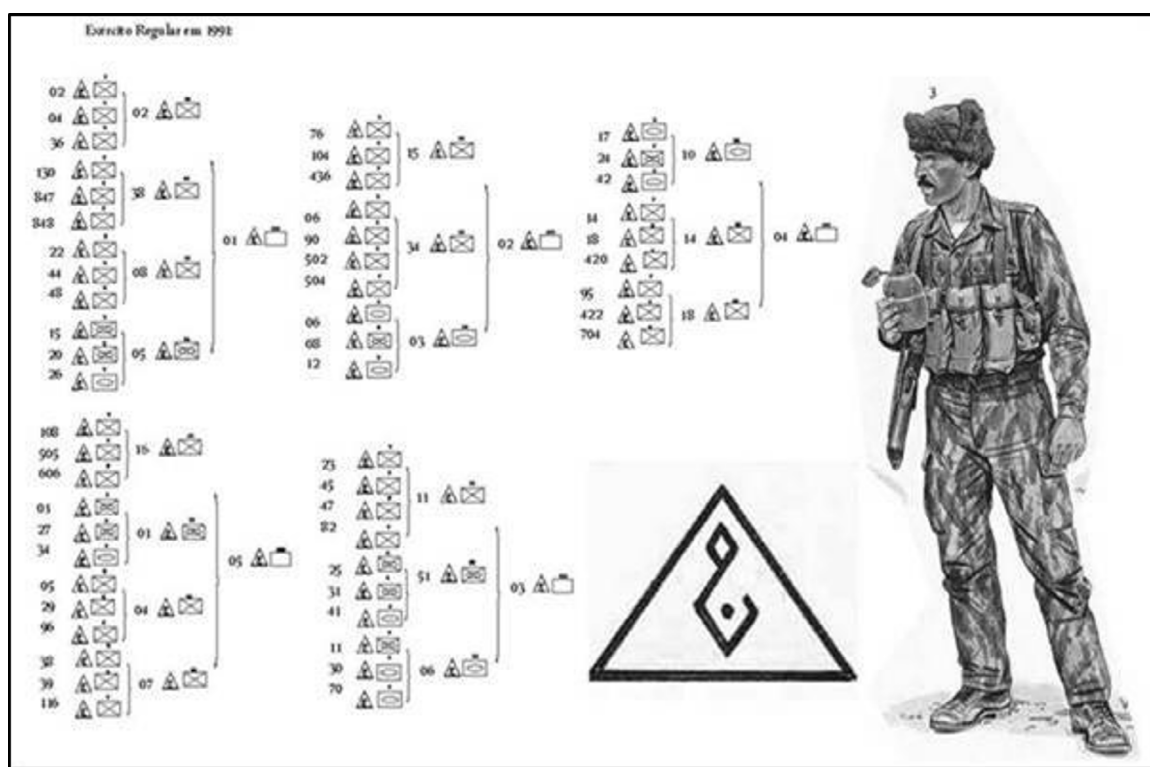
<sup>2</sup> A análise da pesquisa é pautada sobre os exércitos regulares que possuem um grande componente de laicização de suas forças e que absorvem grandes quantidades de cidadãos. A Guarda Republicana do Iraque era um pequeno exército mecanizado de elite que possuía um vínculo político e étnico-religioso e foi abordada no trabalho.

da artilharia como arma de assalto. A tradição inglesa das brigadas permanecia com a necessidade iraquiana de manutenção de operações combinadas nos setores terrestres ocupados.

Militarmente, as zonas de exclusão aérea davam aos norte-americanos a administração dos conflitos com os curdos ao Norte, protegendo a Turquia, e ao Sul a contenção de xiitas protegia a Arábia Saudita. Os problemas aumentaram com a pressão do crescimento demográfico da região. Mesmo com todos os conflitos na região, as projeções indicam um aumento de quase quinze milhões de iraquianos na força de trabalho até 2050 (United Nations 2009).

## 2 Estrutura de recrutamento do exército iraquiano

O recrutamento iraquiano refletiu na organização do Estado (Giddens 2001, 249). A rede tribal e o partido Ba'ath impactaram no processo de aquisição de quadros. O Estado, como o exército, estava mergulhado em uma complexa rede social. A imprensa focava somente as interações das tribos sunitas da região de *Tikrit*. O que sabemos é que existiam três modelos de ocupação de cargos públicos, dentro de uma rede de tribos, unidas por casamentos (Baran 2003).



**Figura 1.** Exército regular iraquiano em 1991. Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de Rottman e Volstad (1993).

Os membros da *Beigat*, das tribos sunitas, eram os mais importantes. Faziam parte da tribo *Albou Nasser*, que compreendia quatro clãs: os *Albou Abdul Ghafour*, do próprio *Saddam Hussein*, os *Albou Kattab*, dos seus meios-irmãos, os *Albou Meslet*, da sua esposa, e os *Albou Najm*, dos seus cunhados.

As relações de matrimônio dominavam a obtenção de cargos de elite dentro do Estado

iraquiano. Isso satisfazia o modelo dos círculos concêntricos, da aliança de clãs por casamentos (Baran 2003). O último sobrenome dos ocupantes dos cargos públicos comprova a hipótese: *Raz-zouqi Souleiman al Majid al-Nasseri*, comandante da Guarda Especial de Bagdá; *Mezahem Saab al-Hassam al-Khatat*, comandante da Artilharia Antiaérea; *Jamel Yassim Rashid al-Najm* controlava o Partido Ba'ath; *Adnam Kheirallah Tulfah al-Meslet* era o Ministro da Defesa. Porém, a extrema coesão tribal do Executivo, oculto no regime,

não transparecia uma perfeita harmonia entre os poderes locais e o poder nacional, colapsando a implantação de um arranjo federativo viável.

O segundo modelo de ocupação de cargos era de tribos leais. Podiam compreender tanto sunitas como xiitas: *Izzat Ibrahim Khalid al-Douri*, um dos quatro vice-presidentes. A força aérea possuía como comandantes os generais *Hamed Raja Shelahe Hussein Zibin Zeidan*. Uma hipótese plausível é a de que sua pouca atuação na Guerra de 1991 vinha dessa falta de prestígio, por não possuir membros da tribo de elite.

O terceiro modelo provinha do prestígio adquirido por veteranos de guerra consagrados: o general curdo *Hussein Rashid Hassam Mohammed al-Windawi*, mentor da Guarda Republicana e sua forma ofensiva; *Abdul Sattar Abdul Qader Mohammed al-Ma'ini*, o comandante de forças blindadas de Tikrit; *Sultam Hashem*, negociador da rendição de 1991; general *Salah Abboud Mahmoud*, vice-ministro do Interior – entre outros. Saddam possuía em 2003 um Estado-Maior de grande qualidade, com competência comprovada em mais de vinte anos de guerras.

Essa organização que estava diretamente ligada ao poder impactava a conscrição, porque criava um tipo de organização das forças terrestres, em três camadas, nos países islâmicos. As ligações religiosas e tribais formariam a primeira camada, que seria a elite. No Iraque de Saddam Hussein, o exemplo foi a constituição da Guarda Republicana. No período de 1991 a 2003, sua força foi reduzida, mas, dentro dos limites das zonas de exclusão aérea, eles conseguiam conter os oponentes ao regime.

O componente intermediário das forças armadas iraquianas era o exército regular laico, nos moldes ocidentais. Como ocorre na maioria dos conflitos da região, esse tipo de organização militar sucumbe perante as organizações da elite social e da massa organizada pelo partido do regime – no Iraque, era o Ba'ath.

### 3 O Papel do Partido Ba'ath

A palavra *Ba'ath* significa "renascimento" em árabe. Esse partido tem origem no movimento

de jovens oficiais árabes. Essa nova elite militar via em um tipo de socialismo a redenção dos problemas estatais pós-colonialismo. Pregava a união de todos os islâmicos na construção de um novo Estado que atendesse seus anseios (Giddens 2001, 249).

Porém, Cairo e Bagdá romperam politicamente em 1959. No Iraque, nessa época, o general *Kassem* era o presidente. Enquanto Bagdá aproximava-se do Ocidente, *Nasser* era um aliado dos soviéticos. Em 1958, o Ba'ath já era o principal partido de Síria, Iraque, Egito, Argélia e Iêmen. Dentro do mundo árabe de então, sabiam que Cairo, Damasco ou Bagdá eram os únicos que poderiam aglutinar os Estados árabes em uma causa única. De 1958 até 1962, *Nasser* conseguiu anular a Síria, na República Árabe Unida (Nasser 1963, 234-238).

*Kassem* no Iraque, até sua queda, conseguiu manter um equilíbrio entre os comunistas e o Ba'ath. A influência soviética estava evidente desde o tratado de 16 de março de 1959; no mesmo ano, *Nasser* rompia com *Kassem*. Temendo uma possível revolução, os dirigentes do Ba'ath conseguiram a criação de uma Guarda Nacional (sob o controle do partido), porque não confiavam no exército –foi a origem do exército territorial com uma divisão de infantaria montada para as dezenove províncias do país. Esse estrato intermediário das forças armadas serviria, quarenta anos depois, como base da insurgência no Estado sob intervenção estadunidense. Em fevereiro de 1963, o partido Ba'ath toma efetivamente o poder no Iraque e instala *Aref* na presidência (Mansfield 1967); este acaba com as antigas pretensões de fusão com o Egito, prevista para 1966. Esse Ba'ath pró-ocidente jogou o partido no Egito em uma perseguição ferrenha por parte de *Nasser*, que estava sob influência soviética. O Iraque agora conseguia manter Síria e Iêmen como aliados diretos contra o Egito.

O presidente *Aref* era nacionalista árabe, mas não apoiava os comunistas. Ainda dentro de sua política, estabeleceu como metas a oposição dos vestígios coloniais e a luta contra Israel. O Ba'ath era socialista pan-arábico. Por isso, os ira-

quianos apoiaram as revoluções contra regimes conservadores.

Na economia, a atuação deveu-se ao incremento da infraestrutura. O Estado do Iraque atuaria efetivamente nas indústrias pesadas, médias e de mineração, no comércio estrangeiro, nas companhias bancárias e de seguro, e nas terras aráveis. Somente a agricultura teria algum benefício direto para o povo. Os outros itens estão relacionados com exploração, venda e transporte do petróleo. Em 10 de novembro de 1969, assume *al-Bakr* como ditador efetivo do Ba'ath no Iraque. 1972 e 1973 são dois anos de transformações profundas no Oriente Médio (Hobsbawm 2005, 393-420). Os egípcios expulsaram os soviéticos e fizeram a Guerra do *Yom Kyppur* contra Israel. O Egito não reconquista o Sinai, mas a crise do petróleo que a guerra provoca muda a economia mundial. A política da região também muda. Sadat começa a aproximar o Egito dos Estados Unidos da América e sua relação com o Iraque passa a entrar em uma fase de entendimento.

A partir de 1975, o Irã entra em cena. Os iraquianos assinam com estes um tratado de fronteira no mesmo ano sobre as partilhas das águas do *Chatt-el-Arab*. Essa é a principal região de escoamento do petróleo desses países. Por esse mesmo acordo, os iranianos retiraram o apoio aos revoltosos dos Curdistão iraquiano. Em abril de 1976, receberam a anistia do governo de *al-Bakr*; poderiam, pois, retornar aos seus lares. Havia rumores de uma união sírio-iraquiana para julho do mesmo ano.

#### 4 A Guerra Irã-Iraque e as forças terrestres iraquianas

*Al-Bakr* renuncia, no dia 16 de julho de 1979, por motivos de saúde. Assume o governo *Saddam Hussein* e o projeto de união é desfeito, talvez pelos rumores de que o Ba'ath sírio teria ajudado *Hussein* a tomar o poder. Estoura, no mesmo ano, a Revolução Islâmica do Irã. Os soviéticos inva-

dem o Afeganistão e outra conjuntura desponta na região. No dia 26 de novembro, os iraquianos atacam a base aérea de *Narjeh*, no Irã.

Tornando esse panorama ainda mais complexo, no dia 7 de junho de 1980, a força aérea israelense ataca e destrói a usina nuclear de *Osirak*, no Iraque, agravando a conjuntura. Dessa forma, acaba com as possibilidades de construções de três ogivas, previstas para 1985. Depois de dois meses, no dia 17 de setembro de 1980, *Saddam* invade o Irã. Os regimes pró- Ocidente, conservadores ou liberais, estavam muito preocupados com os desdobramentos que a revolução Islâmica Iraniana poderia causar e apoiaram o Iraque. *Saddam Hussein* reorganizou o Iraque para a guerra contra os iranianos. Antes do início da invasão ao Irã, dispunha de cerca de somente duzentos e vinte e dois mil homens nas suas forças armadas e gastava dois bilhões de dólares ao ano, no orçamento militar<sup>3</sup>.

Porém, para vencer a guerra contra o Irã, *Saddam* deixou sua economia no limite. A Guerra Irã-Iraque apresentou duas fases distintas. Primeiro, uma guerra de movimento, em que as forças de Hussein invadiram o Oeste iraniano. A partir de 1982, a guerra apresenta uma reação iraniana (com a tomada da cidade iraquiana de Basra) e vira uma guerra de atrito, durando até 1988.

O ano de 1982 é importante, porque marca a descontinuidade do alinhamento do Ba'ath iraquiano em relação ao sírio. Depois de 8 de abril, os sírios fecharam a fronteira com o Iraque, por causa do apoio de *Saddam* à Irmandade Islâmica. No dia 24 de junho de 1987, rei *Hussein* da Jordânia iria até Damasco tentar aproximar os partidos. No entanto, a tentativa foi infrutífera. A Líbia começou também a hostilizá-lo, mas o rompimento das relações só viria em 26 de junho de 1985. Somente o escândalo *Iran-Gate* reaproximou novamente os dois países<sup>4</sup>.

Ainda no mesmo mês, *Tarik Aziz* (chanceler iraquiano) vai até a França requisitar apoio financeiro para a reconstrução da usina nuclear

<sup>3</sup> Corresponderia a US\$ 24,93 dólares por dia por militar. Seus gastos militares já estavam na casa de 8,89% do Produto Interno Bruto (PIB), e ele mobilizou 1,8% da população nas forças armadas – índices bastante altos se comparados com outros países do Oriente Médio.

<sup>4</sup> O caso Iran-Gate consistiu na venda secreta de armas norte-americanas para o Irã. A operação consistia na aquisição de recursos para o financiamento dos contras nicaraguenses que lutavam contra o regime sandinista (Ferro 2008).

de *Osirak*. Temendo o isolamento na região, o Iraque resolveu no mesmo ano os seus litígios de fronteira com os sauditas. Em 1983, receberia cerca de um bilhão de dólares das monarquias pró-Occidente na sua luta contra o Irã, mas sua situação continuava problemática. Aziz foi até o Cairo em busca de apoio.

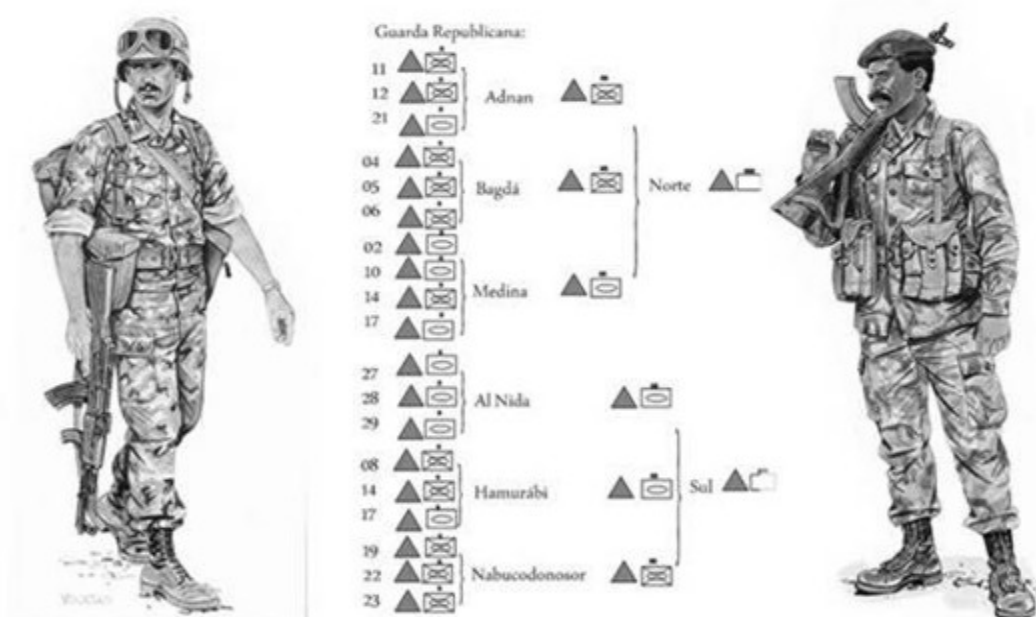
A França continuava sendo uma grande parceira do Iraque. Em 1984, o chanceler foi até Paris. Queria trocar quase quatro milhões de toneladas de petróleo pelo perdão da dívida de treze bilhões de francos, principalmente devido à compra de aviões *Super Etendard* armados com mísseis *Exocet*. Tanto que, depois da guerra Irã-Iraque, os franceses seriam os principais credores dos iraquianos. A dívida era de cerca de três bilhões de dólares, o equivalente a quatro milhões de toneladas de petróleo na época. No mesmo ano, os franceses forneceriam oito caças *Mirage F-1 EQ-5*, igualmente armados com *Exocets*. Isso garantiu a superioridade aérea em relação ao Irã.

No dia 26 de outubro de 1984, os iraquianos retomaram relações com *Washington*, as quais estavam rompidas desde 1967. Até essa data, o Egito tinha fornecido um bilhão e trezentos milhões de dólares em armamento e *Saddam* adquiriu dois terços das exportações soviéticas de armas. O Ocidente já tinha enviado a *Saddam* cerca de seis bilhões de dólares em ajuda, todavia, a dívida externa crescia doze bilhões de dólares ao ano, por causa da guerra.

Quando a guerra acabou, em 1988, *Saddam* havia montado um complexo militar invejável. Suas forças armadas possuíam cerca de oitocentos e quarenta e cinco mil homens e ele gastava em torno de treze bilhões de dólares para manter esse aparelho; anualmente, correspondia a quarenta e dois dólares por militar ao dia. Porém, os dados mostram que o Iraque era um país no limite de suas forças, com quase seis por cento de sua população total na ativa das forças armadas, e os gastos militares representavam um terço do PIB.

## 5 As forças iraquianas na Guerra do Golfo de 1991

As forças militares terrestres iraquianas regulares do exército eram organizadas nos moldes soviéticos. A doutrina militar soviética tinha a guerra ítalo-abissínia de 1936 como base para elaboração dos manuais de combate no deserto (Garthoff 1957, 116). Os soviéticos recomendaram para a organização das divisões mecanizadas treze mil homens. Estes seriam distribuídos em três regimentos: um de tanques médios, outro de tanques pesados e outro de artilharia autopropulsada. Sua função era de exploração e perseguição do inimigo. Conseguiriam manter cerca de duzentos carros de combate. No entanto, a concentração de poder nos altos escalões não deixava a tropa flexível para realizar operações. Por influência inglesa, os regimentos no exército iraquiano seriam denominados de brigadas, notadamente, similar à organização das forças terrestres do Brasil. Mais de cinco mil tanques principais de combate e oito mil blindados de transporte de tropas de modelo soviético formavam essa força iraquiana. Um problema grave durante as guerras foi a manutenção de armamentos de origens tão diferentes, no período 1980-2003. Existiam diversos manuais e inumeráveis fornecedores de equipamentos, inclusive de origem brasileira, como os blindados do tipo Cascavel para reconhecimento.



**Figura 2.** Guarda Republicana Iraquiana em 1991. Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de Rottman e Volstad (1993).

Dois corpos da Guarda Republicana complementavam as forças terrestres do Iraque no período de 1980-1991. Mesmo sendo consideradas unidades blindadas de elite, suas divisões mecanizadas eram constituídas de três brigadas mecanizadas. Todavia, as divisões mecanizadas do exército regular possuíam duas brigadas mecanizadas e uma blindada com poder de fogo superior. No nível da brigada mecanizada, tanto as unidades da guarda quanto as regulares mantinham cerca de três batalhões mecanizados e um blindado como força principal de ataque (Cordesman e Wagner 1999).

O conflito de 1991 foi o fim do que seria o último grande exército oriundo das experiências com a mecanização do século XX. Talvez, suas causas mais imediatas estariam dispostas no plano econômico, com reflexos diretos na política (Hobsbawm 2005). O Estado-Nação desenvolveu um grande exército como reflexo de sua capacidade econômica. Dentro da lógica capitalista, todo esse arsenal deveria ser destruído em uma guerra, mas o conceito de produção industrial não pode ser aplicado no contexto iraquiano: seu armamento vinha do dinheiro que o petróleo

proporcionava ao governo de Saddam, mas seu comportamento foi igual aos outros complexos.

O Iraque não podia dismantelar esse complexo de modo pacífico, tal era a absorção de mão de obra feminina e estrangeira em sua economia. Em janeiro de 1985, por exemplo, as mulheres eram metade dos funcionários públicos, um terço dos trabalhadores no setor nacionalizado e um quinto no privado, sem contar a mão de obra estrangeira. O Iraque então se voltou para um dos antigos inimigos do Ba'ath: atacou o Kuwait, sob o pretexto de pedir uma indenização.

O partido Ba'ath iraquiano sempre foi inimigo das monarquias islâmicas conservadoras pró-ocidentais. Com a apropriação do petróleo do país invadido, haveria mais dinheiro para pagar a dívida externa iraquiana crescente. Marrocos, Argélia e Líbano condenaram a ação. Sudão, OLP e Iêmen (talvez pela influência do partido Ba'ath) apoiaram *Saddam*, assim como a Jordânia. Os jordanianos apoiaram o Iraque, talvez, para proteger sua fronteira a leste e para acalmar os palestinos que habitam seu território.

Na ótica da coalizão, o Ocidente agiria em prol da liberdade de um Estado agredido. Os estrategistas sabiam que um enorme exército na região com capacidade de realizar operações externas

representava um perigo considerável aos seus interesses. A Rússia só agiria se existisse algum risco para o Irã que garantisse a influência russa no Oceano Índico. O exército iraquiano, infelizmente, foi aniquilado. Como resultado, a coalizão garantia os sauditas e esse modelo conservador pró-ocidental, além disso, venderia bilhões de dólares em armamentos. O Iraque perdeu o excedente de efetivo militar mobilizado e agora podia agir para restaurar a ordem no seu território, mediante os xiitas do Sul e os curdos do Norte.

Dentro desses apontamentos, essa guerra demonstrou no primeiro enfoque estratégico a guerra pela informação como fator decisivo da vitória (Coullon 1992, 148-156). Os americanos conseguiram testar seu sistema de desembarque de tropas na escala global e, concomitantemente, a capacidade do sistema de telecomunicações aeroespacial, na capacidade transmissão de dados e ordens a longa distância, como efeito direto das novas tecnologias dos armamentos. No plano tático, os ensinamentos mostraram que a superioridade aérea seria determinante no sucesso, assim como as forças especiais.

## 6 As forças iraquianas depois da Guerra do Golfo de 1991

Os anos de 1991-2003 foram a época do embargo internacional e da decadência do regime de *Saddam*. O contingente de quatrocentos e vinte e nove mil soldados dividia um orçamento de um bilhão e meio de dólares. Isso representava dez dólares por militar ao dia. Porém, a pressão sobre a economia e a população baixou consideravelmente. O PIB estava comprometido em três por cento do seu valor com as forças armadas e quase dois por cento da população estavam nas ativadas forças armadas<sup>5</sup>.

O Iraque não conseguiria mais manter um nível operacional, justamente, nas áreas onde o gasto e o serviço técnico eram mais exigidos. De acordo com especialistas americanos e israelenses, em 1998, os guardas republicanos sobreviventes de 1991 tinham dois terços de recursos e metade

dos homens para operar com suas sete divisões completas. Comparativamente, dos seis mil e setecentos tanques da Guarda Republicana antes da guerra, somente dois mil e duzentos estariam aptos a operar aproximadamente. Os blindados no exército e os aviões ficariam parados, e a marinha ficou totalmente fora de ação.

O colapso econômico do Iraque condicionou as forças armadas a lutar com poucos recursos financeiros. Invariavelmente, o contexto do conflito de 2003 levou os iraquianos para a guerra assimétrica contra os estadunidenses. A organização trifuncional de atores sociais intercalados acarretou a desmobilização do exército laico e seu papel como constituição da nação (Giddens 2001, 249). O país em desenvolvimento, em um contexto de atrito dentro de um conflito assimétrico, manteve uma tropa de elite do sistema político e a mobilização geral de suas tropas. O exército regular, necessitando de recursos financeiros, não conseguia manter uma capacidade de combate sustentável.

## 7 Conclusão

A mecanização trouxe para a guerra os sistemas de combate. A tecnologia está tornando os soldados tão eficientes quanto os sistemas e, concomitantemente, a baixa dos preços do armamento no mercado internacional aumenta o poder de fogo das pequenas unidades. Além disso, os novos aparelhos de comunicação permitem o comando e o controle das pequenas unidades. A aviação israelense possui aeronaves de combate para a destruição de sistemas, porém, a posse de armamentos digitalizados por soldados fornece certa invisibilidade para eles.

Novamente, a pesquisa aponta para a afirmação de que novas tecnologias bélicas tornaram obsoleta a mecanização, mas não diminuíram a necessidade da conscrição. O recrutamento militar e a quantidade de jovens, em campo de batalha, conseguem a obtenção desses objetivos políticos. O início do século XXI é análogo ao início do século XX quanto ao ambiente de

<sup>5</sup> Os números compreendem US\$ 9,58 por militar ao dia. O PIB estava comprometido em 3,08% e 1,86% da população estava mobilizada nas forças armadas.

mudanças tecnológicas, econômicas, sociais e políticas. Os Estados em desenvolvimento que optam pelo atrito, em um conflito convencional, desenvolvem outros tipos de forças terrestres, no contexto da assimetria da guerra. Os exércitos zulus do rei *Shaka* oferecem um exemplo histórico consistente (Knight 1989, 13-50). Enfrentaram à sua maneira forças armadas, de molde europeu, e venceram.

Neste sentido, novas tecnologias proporcionam o advento de novas organizações militares, mas a organização proveniente das mudanças tecnológicas não substituirá a quantidade de tropas. A necessidade da conscrição vem da constituição de novos sistemas de combate e da necessidade da sobrevivência do Estado em caso de guerra sistêmica com o uso de armas nucleares táticas. A mudança visa gerar novas organizações militares, mas o núcleo do grupo de combate, de cerca de doze homens, permanecerá cada vez com mais poder de fogo e capacidade de vigilância.

## Bibliografia

- Baran, David. 2003. *L'Etat-Major de Saddam Hussein*. Ifri.
- Batson, Douglas. 2008. *Registering the Human Terrain: a valuation of cadastre*. National Defense Intelligence College Press.
- Cordesman, Anthony H. 2007. *Iran, Israel, and Nuclear War*. CSIS. <http://www.csis/burke>.
- Preliminary "Lessons" of the Israeli-Hezbollah War. CSIS.
- Cordesman, Anthony H. 2004. *The War after the War: strategic lessons of Iraq and Afghanistan*. CSIS.
- Cordesman, Anthony H., e Abraham R. Wagner. 1999. *Lessons of Modern War: Volume IV (The Gulf War)*. Westview Press.
- Coullon, Jean-Claude. 1992. Les Leçons de la Guerre du Golfe. *L'Année Stratégique*.
- Department of Defense. 2000. *Iraq Country Handbook*. Marine Corps Intelligence Activity.
- Dunnigan, James F. 1993. *How To Make War*. Quill.
- Dunnigan, James F. 2003. *How To Make War: A Comprehensive Guide To Modern Warfare in The 21st Century*. Quill.
- Ferro, Marc. 2008. *O Choque do Islã*. Bibliex.
- Garthoff, Raymond. 1957. *A Doutrina Militar Soviética*. Bibliex.

- Giddens, Anthony. 2001. *O Estado-Nação e a Violência*. EdUSP.
- Hobsbawm, Eric. 2005. *A Era dos Extremos. O breve séc. XX. 1914-1991*. Cia das Letras.
- IISS. *The Military Balance 2005*. 2006. Routledge, 2006.
- IISS. *The Military Balance 2010*. 2011. Routledge.
- Knight, Ian. *The Zulus*. 1989. Osprey Publishing.
- Mansfield, Peter. 1967. *Nasser e o Nasserismo*. Civilização Brasileira.
- Nasser, Gamal Abdel. 1963. *A Revolução no Mundo Árabe*. Edarli.
- Rottman, Gordon, e Ron Volstad. 1993. *The Gulf War Armies*. Osprey Publishing.
- United Nations. 2009. *World Population Prospects: the 2008 revision highlights*. United Nations.
- Vizentini, Paulo G. F., organizador. 1992. *A Grande Crise: a nova (des)ordem internacional dos anos 80 e 90*. Vozes.
- Waltz, Kenneth. 2000. Structural Realism after the Cold War. *International Security* 25 (1): 5-41.
- Waltz, Kenneth. 2002. *Teoria das Relações Internacionais*. Gradiva.
- Waltz, Kenneth. 1979. *Theory of International Politics*. Addison-Wesley Publishing Company.
- Waltz, Kenneth. 1983. *Theory of International Politics*. Addison-Wesley Publishing Company.

---

## Fabrizio Schiavo Avila

Possui graduação em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008) e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Atualmente, é presidente do Instituto Sul Americano de Políticas e Estratégia (ISAPE) e pós-doutorando do PPGCPS (PUCRS).

## Endereço para correspondência

FABRÍCIO SCHIAVO AVILA

Rua Dona Augusta, 55, apto. 705, Bairro Menino Deus, 90.850-130

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

## Como citar este artigo

Avila, F. Como seria atualmente a guerra convencional: mobilização e prontidão. *Conversas & Controvérsias*, e48480. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2026.1.48480>

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*